



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
ÁREA: TELEJORNALISMO

Sonoras coloridas, plumas e paetês

Um estudo sobre a cobertura de paradas gays na TV Globo

CÁSSIA TAVARES
RA N° 20702426

PROF. ORIENTADOR:
LUIZ CLÁUDIO

Brasília/DF, Novembro de 2010

CÁSSIA TAVARES

Sonoras coloridas, plumas e paetês

Um estudo sobre a cobertura de paradas gays na TV Globo

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof(a). Orientador(a): Luiz Cláudio Ferreira

Brasília/DF, Novembro de 2010

CÁSSIA TAVARES

Sonoras coloridas, plumas e paetês
Um estudo sobre a cobertura de paradas gays na TV Globo

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof(a). Orientador(a): Luiz Cláudio Ferreira

Banca examinadora:

Prof(a). Luiz Cláudio Ferreira
Orientador(a)

Prof(a). Cláudia Busato
Examinador(a)

Prof(a). Déia Francischetti
Examinador(a)

Brasília/DF, Novembro de 2010

Dedico esse trabalho aos meus pais, que tanto esperaram essa graduação. À minha mãe, mulher guerreira, que me ensinou o que é a vida, que lutou para que eu me tornasse a pessoa que sou, e a meu pai, esteja onde estiver, sei que estará orgulhoso.

Dedico, também a Raquel Silva, amiga, companheira, que durante esses quatro anos esteve sempre ao meu lado, me apoiando nos bons e nos maus momentos, segurando minha mão sempre que pensei em desistir.

Dedico ainda aos professores Luiz Cláudio, Cláudia Busato, Sergio Euclides e Déia Francischetti, que tanto me ensinaram sobre o jornalismo.

RESUMO

Anualmente, a Rede Globo de Televisão cobre as chamadas “Paradas Gays” das principais capitais do Brasil. Este projeto tem como objetivo mostrar qual a abordagem usada pelos telejornais da Rede Globo quanto à homofobia e ao próprio homossexualismo. Quanto de tempo é usado pelas reportagens para falar da real finalidade das caminhas a favor do orgulho gay? Quais as principais imagens capturadas pelas notícias televisivas durante as paradas? O jornalista faz o papel social dele ao conscientizar a população pelo não preconceito? Esses e outros questionamentos permearão esse estudo.

Palavras-chave: homofobia, rede globo, homossexualismo, preconceito, conscientização

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Substantivos utilizados pela designar o evento

Gráfico 2 – Aversão dos entrevistados ao evento

Gráfico 3 – Divisão de tempo destinado a temas da Parada Gay

Gráfico 4 – Espaço destinado à informação sobre utilidade pública

Sumário

1	Introdução	13
2	O telejornalismo de hoje.....	15
2.1.	Como Escolher a Notícia	16
2.2.	Como a Notícia é Produzida	17
2.3.	A Abordagem da Notícia	18
2.4.	O Papel Social	19
3	Homossexualidade – Sociedade e Gênero	20
3.1.	Homossexualidade e Mídia	21
3.2.	Jornalismo e Homossexualidade	24
4	Fichas Técnicas	26
4.1	Ficha Técnica 1	26
4.2	Ficha Técnica 2	27
5	Parada Gay: o que a Rede Globo mostra	28
5.1	A Parada Gay de São Paulo 2010: Cobertura SPTV Rede Globo.....	28
5.2	A Reportagem, apresentadores e repórter.....	29
5.3	O Primeiro Entrevistado	30
5.4	As Imagens	30
5.5	O Segundo Entrevistado	31
5.6	Análise	33
6	Os “cangagays” do sertão	35
6.1	Fantástico: a revista eletrônica da Rede Globo	35
6.2	Me Leva Brasil e a Parada Gay do Sertão: sertanejos usam rosa em terra de Lampião.....	35
6.3	Opiniões Sobre o Evento	36
6.4	Análise	38
7	Parada Gay de Salvador: o que mostrou o Bom Dia Brasil.....	41
7.1	O Telejornal	41
7.2	A Reportagem.....	41
7.3	As Entrevistas	41
7.4	As Imagens	43
7.5	Análise	43
8	Parada Gay de Belo Horizonte: Bom Dia Minas – uma linguagem diferente	46
8.1	O Telejornal	46
8.2	Protesto Colorido	46
8.3	Entrevistados e Imagens.....	46
8.4	Análise	48
9	Conclusão	50

1 Introdução

Plumas e muito brilho, homens vestidos de mulheres usando maquiagens carregadas, roupas coloridas e salto alto. As imagens garantem o colorido de reportagens veiculadas anualmente pela Rede Globo de Televisão nas chamadas “Paradas Gays”.

Porém, essas imagens podem remeter a uma percepção de que a homossexualidade significa apenas homens vestidos de mulheres ou sempre muito afeminados e mulheres masculinizadas. Mas, o que a chamada comunidade GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) tenta mostrar é que as Paradas Gays não é só um colorido, e que o objetivo desses eventos é romper o preconceito e entrar em uma sociedade que ainda é machista, homofóbica, racista e coronelista.

Apesar de se tratar de um assunto onde hoje vários tabus já foram quebrados, as Organizações Não Governamentais (ONGs), como a do Grupo Gay da Bahia (GGB), defendem que o preconceito ainda existe inclusive no meio televisivo. Nesse sentido, a pesquisa investigará como as matérias das paradas gays são abordadas, qual a as imagens e a linguagem utilizadas e o papel social do jornalismo nesses eventos voltados para o público homossexual.

Objetiva-se descobrir ainda se imagens como as vinculadas pela Rede Globo durante as festas da Parada Gay poderiam aumentar ou reforçar estereótipos em relação aos homossexuais. Como as entidades advertem a Parada Gay? Seria a oportunidade de divulgar os direitos e tratar de questões da vida em sociedade dos homossexuais? A questão principal é: as reportagens e imagens utilizadas são as mais adequadas para que o telespectador tenha a visão do que é ser homossexual?

Para a realização deste trabalho, serão estudados autores como Denílson Lopes, Humberto Rodrigues, João Silvério Trevisan, Muniz Sodré, entre outros. Serão utilizados também como fonte de pesquisa o Manual de Comunicação LGBT e o Manual sobre a Legislação e Jurisprudência LGTBTT.

Para a comprovação da análise *“Sonoras coloridas, plumas e paetês - Um estudo sobre a cobertura de paradas gays na TV Globo”*, a pesquisa avaliará as

matérias vinculadas no ano de 2009 e 2010 sobre a Parada Gay dos seguintes telejornais e programas da Rede Globo:

SPTV 1ª Edição – 04 de julho de 2010 (Parada Gay São Paulo)

Bom Dia Minas – 26 de julho de 2010 (Parada Gay Belo Horizonte)

Bom Dia Brasil – 13 de setembro de 2010 (Parada Gay Salvador)

Fantástico – 04 de outubro de 2009 (Pernambuco/ Cidade de Serra Talhada)

A escolha dos telejornais da Rede Globo de televisão deu-se por se tratar de emissora que tem a maior audiência (IBOPE, 2010) no que diz respeito à televisão de canal aberto.

A metodologia utilizada será a análise de conteúdo, já que segundo Laurance Bardin, trabalha a palavra, a prática da língua realizada por emissores identificáveis:

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens. (BARDIN, 2004, p. 38)

Na análise de conteúdo, o resultado da pesquisa não significa uma prova inegável, mas segundo Bardin uma ilustração que permite corroborar, pelo menos parcialmente os pressupostos em causa.

2 O telejornalismo de hoje

Segundo o autor Guilherme Jorge de Rezende (2000), no livro *Telejornalismo no Brasil*, o telejornalismo tem a função de cumprir um papel social e político para toda a sociedade, ao informar e mostrar os fatos:

O telejornalismo cumpre um papel relevante por que atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia, mas que tem de vê-la, enquanto espera a novela. Em relação aos meios impressos, acontece o contrário: o leitor só lê o que lhe interessa. É justamente por causa desse telespectador passivo que o telejornalismo torna-se mais importante do que se imagina, a ponto de representar a principal forma de democratizar a informação. (REZENDE, 2000, p. 23-24)

Nota-se, portanto, que os telejornais têm um poder de formar opiniões, principalmente no público mais simples, que acredita exatamente naquilo que o repórter ou a matéria fala, como ressalta Guilherme Jorge Rezende (2000). O que chama a atenção desse público, de acordo com o autor, não é o que está sendo dito, mas as imagens vinculadas.

São vários os exemplos de notícias que ficam registradas na mente de muitos brasileiros. Quem se lembra do que foi dito pelo Plantão da Rede Globo de Televisão no dia 11 de setembro de 2001, sobre o ataque das torres gêmeas? Muitos não lembram do que foi dito, mas quem assistiu aquelas imagens de terror, é capaz de descrever os detalhes. O que falar da imagem do policial militar que tentou atirar no sequestrador do ônibus 174 e acabou matando uma refém no dia 12 de junho de 2000?

Nas transmissões dos carnavais de Salvador, por exemplo, as imagens veiculadas são de festa, alegria, trios elétricos, nada de preocupação. Mas experiências pessoais da pesquisadora e relatos de entrevistados em eventos em Brasília comprovam que além da festa existiam também vários problemas inconvenientes como arrastões, ausência de banheiros públicos, odor desagradável de urina, preços exorbitantes de hospedagem e alimentação, dentre outros percalços que os foliões enfrentam.

Reportagens, como os exemplos citados, são transmitidas pelo telejornalismo para milhões de brasileiros, formando opiniões, fazendo as pessoas acreditarem

exatamente no que estão assistindo e não o que realmente acontece por trás das lentes. Para atrair telespectadores, tudo é transformado em espetáculo.

O formato espetacular, comum às emissões de ficção e de realidade, representa a fórmula mágica capaz de magnetizar a atenção de um público tão diversificado. O espetáculo destina-se basicamente à contemplação, combinado, na produção telejornalística, uma forma que privilegia o aproveitamento de imagens atraentes – muitas vezes desconsiderando o seu real valor jornalístico – com um conjunto de notícias constituído essencialmente de *fait divers*¹ (REZENDE, 2000, p. 25).

Atualmente, essa espetacularização tem se mostrado mais forte, principalmente pelo maior alcance da população brasileira às reportagens televisivas. A televisão hoje não está mais só dentro dos lares brasileiros, está presente também em restaurantes, aeroportos, ônibus, lojas de departamentos. Ou seja, a televisão alcança muito mais pessoas, conseqüentemente forma muito mais opiniões.

2.1. Como Escolher a Notícia

De acordo com a jornalista Olga Curado (2002), para atrair a atenção dos telespectadores, vários telejornais utilizam reportagens variadas que são abordadas a partir de elementos ou fatos que chamam a atenção da sociedade, sendo estas características ressaltadas em detrimento do conteúdo da notícia como um todo.

Nesse sentido, o princípio de trabalho do profissional do jornalismo, de acordo com os autores estudados, independentemente da mídia, é o de oferecer informações com isenção e sobre o que aconteceu na semana, no dia. Segundo Olga Curado (2002), é o jornalista que determina o que é ou não notícia. Porém, a escolha do que vai ao ar é do editor do jornal, ele avalia o impacto e a importância daquela notícia.

A importância da notícia é geralmente julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar. Esse é o critério mais utilizado em jornalismo de televisão, que, dando ênfase ao aspecto da amplitude pode tender a transformar a notícia em entretenimento ou em espetáculo, tratando apenas de questões amenas ou desprovidas de polêmica. (CURADO 2002, p. 16)

¹*Faits divers*: expressão de jargão jornalístico que designa os assuntos não categorizáveis nos editoriais tradicionais. São fatos desconectados de historicidade jornalística, ou seja, referem-se apenas ao seu caráter interno e seu interesse como fato inusitado, pitoresco. Em geral, remetem a temas considerados "leves", curiosos, não muito sérios e sem comprometer seriamente ninguém.

Outro ponto importante em relação ao trabalho do jornalista é que a confecção de uma reportagem deve vir sempre acompanhada da questão da imparcialidade, principal condição para a produção de qualquer texto jornalístico.

Porém, o critério de escolha da matéria contradiz um pouco esse aspecto. Já que um dos principais critérios do jornalista ao escolher a pauta é se o assunto vai agradar ou não o telespectador. Este critério norteará a escolha da fonte entrevistada, a linguagem utilizada e os pontos considerados de maior relevância na matéria. Dentro deste cenário o telespectador precisa saber filtrar as informações que são transmitidas, realidade que não condiz com o público, que como dito anteriormente na citação Guilherme Jorge de Rezende (2000).

2.2. Como a Notícia é Produzida

Até chegar à televisão, a reportagem passa por vários processos. Tudo começa com reuniões de pauta feitas pelo chefe de redação junto com o editor chefe, repórteres e âncoras do jornal.

Todos os dias, editores têm que administrar as dificuldades de colocar os telejornais no ar. O editor chefe fica sempre preocupado com o fechamento do jornal, com as matérias e com a produção da notícia. Os editores são pressionados pelo relógio, não existe tempo hábil para que os repórteres refaçam as matérias.

A definição do que é notícia está presente em todos os processos de edição. Ou seja, a escolha da notícia não é algo subjetivo feito pelo jornalista, mas ocorre durante toda a produção do jornal.

Dentro da redação, as atividades são distribuídas para várias áreas diferentes que vão desde o “pauteiro” – pessoa responsável por buscar assuntos que podem se tornar notícias –, até o editor-chefe que decide qual pauta passar ao repórter para fazer a reportagem.

A primeira preocupação com a matéria que vai ao ar é como conciliar o texto com a imagem. O texto precisa ser coloquial, claro e preciso. Diferente do que acontece em jornais impressos, quanto mais objetivo o texto, melhor para o leitor que absorve de forma rápida a informação.

Na televisão, como afirma Heródoto Barbeiro (2002), a ideia principal é a de que texto e imagem caminhem juntos. Para o jornalista começar a escrever o texto, ele precisa estar com as imagens da reportagem na cabeça. Ou seja, o texto precisa buscar os elementos principais das imagens, tomando sempre o cuidado de simplesmente não transcrever o que a imagem está mostrando. Quando isso ocorre, a reportagem torna-se redundante.

2.3. A Abordagem da Notícia

A linguagem utilizada, os assuntos e o aprofundamento das matérias, têm como referência o grau de instrução da massa populacional que proporciona audiência dos telejornais e, portanto, são reduzidos ao mais simples possível.

Um dos maiores âncoras do telejornal brasileiro, atual apresentador do Jornal Nacional, Willian Boner, uma vez comparou o telespectador médio brasileiro ao personagem *Homer Simpson*, personagem de desenho americano caracterizado por ser preguiçoso e ignorante, com dificuldade de entender temas mais complexos.

Independentemente ou não da avaliação expressa no comentário reproduzido acima, nota-se que atualmente, os telejornais brasileiros reproduzem matérias com pouca profundidade, principalmente quando são tratados temas tidos como polêmicos.

(...) haverá registro para os historiadores daqui a 50 ou 100 anos da decadência, alienação e falta de cobertura da realidade do mundo que vivemos. Somos inclinados a evitar informações desagradáveis e perturbadoras. A nossa mídia reflete esta atitude. Mas, exceto se esquecermos os lucros e reconhecermos que a televisão está sendo usada para desviar a atenção, enganar, entreter e nos isolar, então a TV e os que a patrocinam, assistem e que nela trabalham terão uma visão bem diferente, mas, tarde demais. (jornalista Edward Murrows)²

O tratamento superficial das matérias escolhidas, bem como o foco em elementos que chamam a atenção do público, como a imagem do travesti na parada gay, impede que o assunto dos direitos homossexuais – foco e reivindicações implícitas na Parada Gay –, seja tratado de forma séria ou aprofundada. As reportagens de televisão mostram apenas a festa, o personagem caricato, que gera uma falsa

² Discurso feito pelo jornalista Edward Murrows, durante homenagem realizada pela Associação dos Diretores de Rádio e Telejornalismo dos Estados Unidos em 15 de outubro de 1958.

percepção para o telespectador médio que o universo gay se restringe aos homens vestidos de mulheres. Portanto, produzem uma visão estereotipada e não esclarecida da verdadeira intenção que organizadores da Parada Gay possuem do evento.

Sabe-se que o principal objetivo do jornalista deve ser a imparcialidade, a demonstração da notícia como ela é, apresentado a visão de todos os envolvidos. Mas, quando a notícia é superficial, ressaltando-se algum elemento tido como pitoresco, ela não condiz com papel imparcial do jornalista, pois aborda só o lado festeiro da Parada Gay e não o social.

2.4. O Papel Social

O papel social do jornalista é informar a sociedade, defender e revelar os fatos, com o máximo de imparcialidade, sem sensacionalismo, apenas com convicção e verdade. Assim, para, José Arbex Júnior (2002), o jornalismo social, além de cumprir o dever de informar, precisa estimular a sociedade a enxergar os problemas sociais que estão acontecendo. O cuidado a ser tomado é para que a reportagem não vire sensacionalismo barato, ou simplesmente a interpretação do fato. Para Arbex Junior (2002) isso definitivamente não é jornalismo social. Além disso, a relação do jornalista com a sociedade precisa ser próxima, conquistando assim a credibilidade da população.

Segundo Rezende (2000), grandes corporações televisivas, por causas de interesses políticos e financeiros, acabam por impor aos profissionais a chamada semicensura. Para esse autor, os discursos tendenciosos nos telejornais, favorecem, por exemplo, algum partido político ou grupo empresarial. Com isso, os jornalistas acabam se adequando a empresa e, por questões pessoais ou de promoção, acabam esquecendo a principal função do jornalismo: a prestação de serviço à sociedade.

O jornalista não pode se prender aos interesses de particulares. Pois, o que a sociedade espera é um jornalismo veraz e acima de tudo confiável, isento dos fatos. Portanto, o jornalismo deve ter o compromisso de mostrar a diversidade de pensamento, apresentar as formas sociais, políticas e culturais de uma sociedade, incluindo pessoas que muitas vezes aparecem à margem dela.

3 Homossexualidade – Sociedade e Gênero

“O negócio é ser igual e ter os mesmos direitos. Sempre fui militante. Quando eu subo num palco e emociono uma platéia, estou mostrando com isso o quanto de humanidade existe em mim, na minha arte”. A citação é da transexual Rogéria, durante uma entrevista para jornal *O Pasquim*, no ano de 1971.

Nesse período, década de 1970, o discurso inicial da defesa dos direitos dos homossexuais foi à luta contra a discriminação e o reconhecimento dos direitos civis dessa parcela da população. Isso porque, segundo João Silverio Trevisan (2002), as sociedades “depositárias dos ideais de tradição patriótica e dos valores patriarcais, das elites brasileiras sempre se apresentam muito defensivas e, por isso mesmo, particularmente vulnerável ao fantasma do desejo desviante”. Nesse sentido, as elites tentam zelar pela moral da sociedade brasileira.

No conceito de elite estou aqui incluindo, para além dos óbvios donos do poder (político, econômico ou religioso), tanto a emergente nova burguesia, ansiosa por ascensão social, quanto ao setor intelectual do país que, além, de usufruir privilegiadamente do aparelho cultural, em geral é o que prepara os caminhos ideológicos de dominação da população – mesmo quando invoca ideais e intenções progressistas (TREVISAN, 2002, p. 157).

Trevisan afirma que essa elite molda a repressão sexual, de maneira disfarçada ou não na sociedade brasileira, distorce e reconta a história do país conforme a correta moral, sempre cheia de preconceitos. Com isso, a sociedade brasileira exerce de forma preconceituosa a suposta superioridade sobre aqueles que não pretendem viver dentro dos padrões familiares impostos pela igreja e pelas leis vigentes.

O homossexual do século XIX tornou-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. (...) agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAUT APUD NUNAN, 2003, p. 35)

No Brasil, o preconceito atinge níveis políticos. Durante a aprovação da Constituição de 1988, foi unânime a votação contra a inclusão de uma emenda que iria proibir a discriminação por orientação sexual. A bancada de políticos evangélicos

vibrou com a derrota do que eles chamavam de “emenda dos viados”. Para eles, a não inclusão desse termo na constituição salvaria os valores morais da sociedade brasileira.

Em 1997, um projeto que visava à aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo não foi aprovado na Câmara dos Deputados. Na ocasião, conforme cita Trevisan, “confirmava-se mais uma vez que, para os partidos de esquerda, a definição de ‘minorias’ resulta menos de uma referência estatística do que de uma consideração ideológica, que envolve velhos preconceitos camuflados em argumentos ‘modernos’”.

O problema é que o Brasil ainda vive sobre o conceito de que toda a sociedade deve viver no regime familiar que prega a igreja católica. A imagem que se formou sobre os homossexuais são de pessoas promíscuas e violentas. Pode-se dizer, portanto, que o preconceito é uma visão transmitida culturalmente. Com isso, esse preconceito conduzido pela igreja influencia fortemente o cidadão no modo de agir.

3.1. Homossexualidade e Mídia

A temática gay começou a ser abordada pela imprensa brasileira, nos jornais de grande circulação, na década de 1960. Os protestos e passeatas voltadas para o direito homossexual nos Estados Unidos e na Europa rendiam reportagens em jornais como o *Jornal da Tarde* e *O Globo*.

Em 1963, o jornal *Snob*, lançado no Rio de Janeiro, foi à primeira publicação no Brasil voltada para o público homossexual. O periódico publicava fofocas, entrevistas, notícias, concursos de contos, humor e auto-afirmação. O *Snob* publicou 99 edições, mas parou de ser impresso durante a ditadura militar, em 1969.

Nesse mesmo ano, o *Jornal da Tarde* publicou uma reportagem da *Reuters* sobre o Gay Power, parada gay de São Francisco (EUA). Um ano depois, em 1970, o jornal *O Globo* escreveu sobre a marcha do orgulho gay em Nova Iorque. A iniciativa de cobrir matérias com essa temática foram seguidas ao longo daquele período.

Foi também na década de 1970, que o jornalista João Silverio Trevisan, juntamente com outros intelectuais da época, criou o meio de comunicação voltado para o público homossexual com distribuição nacional: *Jornal Lampião da Esquina*.

Os textos eram geralmente longos e pesados. Iniciava ali o começo da luta para a cultura homossexual se estabelecer na sociedade.

No primeiro parágrafo do editorial do jornal *Lampião*, número zero, uma pergunta chama atenção, “mas um jornal homossexual, para quê? Vê-se nesta pergunta a preocupação dos editores de lançar um jornal que não falava da ‘luta maior’ e sim de assuntos considerados secundários – tais como sexualidade, discriminação social, artes, ecologia. Mas adiante, no terceiro parágrafo, eles responderam à pergunta, ‘é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. (JORGE in LOPES, 2004, p. 284.).

O jornal *Lampião da Esquina* foi vendido de abril de 1978 até julho de 1981 em todo o Brasil. Apoiava grupos homossexuais, como o *Somos*, ao destinar, em 1980, espaço no jornal para a divulgação do 1º Encontro Nacional de Gays e Lésbicas do Brasil, realizado em São Paulo. O objetivo do jornal era mostrar que o homossexual era um cidadão comum dentro da sociedade, que poderia viver de forma igualitária dentro dela.

(...) Por essa razão a maioria dos homossexuais tem desejado ser ‘normal’ e durante a vida toda recalca e esconde seus sentimentos verdadeiros, numa tentativa de condicionamento nessa ‘normalidade’. Como pode se ver, o discurso é o de ser aceito, e se possível dentro da normalidade (JORGE in LOPES, 2004, p. 284.).

Mas, foi no Rio de Janeiro, em 1995, que o evento do Orgulho Gay começou a ser divulgado com maior intensidade pelos telejornais. No ano seguinte, São Paulo teve a mesma iniciativa. Hoje, a capital paulista detém o recorde de maior público do movimento do orgulho gay.

A televisão no Brasil tem retratado com frequência, a presença dos homossexuais durante a programação. Em 1965, novelas e seriados começaram a mostrar personagens homossexuais. O problema é que esses personagens eram retratados sempre de forma muito preconceituosa, ou eram homossexuais violentos, ou afeminados, sempre com papéis estereotipados de cabeleireiros, dançarinos ou costureiros.

Foi também em 1995 que a Rede Globo de Televisão exibiu a novela *A próxima Vítima*, que incluiu no roteiro um casal homossexual. A audiência da novela aumentou

consideravelmente, não só pela história da novela, mas pela “coisa proibida” (o homossexualismo), mesmo que o proibido não fosse explícito, como acontece em cenas entre heterossexuais. A novela aumentou a audiência da emissora, mas também reforçou a imagem caricata da homossexualidade.

Em 1980, a *AIDS*³ começa a crescer no Brasil, e a sociedade se sentiu na obrigação de falar de forma mais clara sobre a homossexualidade. Com isso, a televisão brasileira começou um processo de tratamento mais igualitário aos homossexuais.

Porém, mesmo com a grande mídia aumentando a abordagem da vida homossexual nos programas, os estereótipos relacionados à homossexualidade não mudaram.

Ao mesmo tempo, organizações que trabalham em favor dos homossexuais afirmam que qualquer representação feita na mídia, já indica um grande avanço para a comunidade de Gays e Lésbicas.

Os meios de comunicação no Brasil têm o poder de modificar crenças e culturas, de estimular debates e diálogos francos sobre qualquer tema, incluindo a sexualidade. Porém, apesar de se identificar uma presença maior dos homossexuais na mídia, não indica uma melhora nas condições de vida desse grupo.

A realidade é que apesar do Brasil ser um país cheio de tradições e de valores patriarcais, como dito no início deste capítulo, o país começa a trilhar um caminho mais igualitário. É preciso mostrar para a sociedade que os gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros são tão comuns quanto o heterossexual.

No dia 16 de abril de 2004, a população homossexual foi oficialmente reconhecida. O governo criou o Programa Brasileiro de Promoção da Cidadania Homossexual, com o objetivo de desenvolver políticas públicas para combater à violência e discriminação contra os gays, lésbicas e transgêneros.

³A *AIDS* (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*), segundo o Departamento de DST/Aids e hepatites virais do Ministério da Saúde, “é o estágio mais avançado da doença que ataca o sistema imunológico. A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, como também é chamada, é causada pelo HIV. Como esse vírus ataca as células de defesa do nosso corpo, o organismo fica mais vulnerável a diversas doenças, de um simples resfriado a infecções mais graves como tuberculose ou câncer. O próprio tratamento dessas doenças fica prejudicado”.

3.2. Jornalismo e Homossexualidade

Como dito anteriormente por Trevisan (2002), o jornalismo tem o compromisso de mostrar a diversidade de pensamento da sociedade. Ao seguir este padrão, o telejornalismo pode aumentar ou diminuir preconceitos, ao marginalizar, ou não, os homossexuais diante da sociedade.

Ainda segundo Trevisan (2002), definitivamente o tema homossexualidade não é algo abordado com frequência nos telejornais do Brasil. Sempre que o assunto é colocado em pauta, a notícia é tratada como algo muito diferente: duas mães que adotaram uma criança ou dois homens que alugaram uma barriga de aluguel para terem um filho etc - reportagens transmitidas como algo fora do comum e dos padrões religiosos e sociais do Brasil.

Nos exemplos acima, a fim de parecer “normal”, sem preconceitos, os jornalistas mostram que as crianças filhas de casais homossexuais podem ser tratadas por essas novas famílias como qualquer outra criança. Ou seja, percebe-se uma defesa da heterossexualidade presente no fundo das matérias: a criança é criada como qualquer outra criança (filha de heterossexuais).

Além disso, as reportagens mais comuns nas televisões são aquelas que privilegiam os femininos seminus, em carros alegóricos em época de carnaval. Nos anúncios, mulheres gostosas e bonitas vendem desde calcinhas a carros, tudo com uma postura muito machista, voltada para o público masculino.

Na Copa do Mundo de 1998, a mídia criou comerciais com jargões do tipo: “se não andar de carro, não curtir futebol e não gostar de mulher, não é brasileiro”. Por que publicações tão voltadas para o homem? Estatísticas revelam que o número de mulheres hoje, no país, é maior do que o número de homens. Então por que não agradar esse público com comerciais de homens seminus? Não estaria fugindo ao padrão de normalidade, do padrão heterossexual.

O problema é que a mídia insiste em usar o dito heterossexual dominante, o homem. Seguem a velha história de que o homem é a cabeça da família e a base da sociedade.

Os exemplos citados reforçam que a sociedade heterossexual, representada pela igreja e pela escola, têm diante da mídia. Reportagens que abrangem a

homossexualidade são escolhidas a dedo e feitas de forma a não agredir o cidadão “comum”.

A mídia precisa tratar a homossexualidade da mesma forma que trata qualquer outra questão de interesse social. Nesse contexto, o papel social do jornalista deve ser o de mudar a opinião de uma sociedade preconceituosa e muitas vezes intolerante, em uma sociedade onde raça, sexo, cor e religião sejam tratadas de maneira igualitária.

4 Fichas Técnicas

4.1 Ficha Técnica 1

	SP TV 1ª edição	Fantástico	Bom Dia Brasil	Bom Dia Minas
Data	04/07/2010	04/10/2009	13/09/2010	26/07/2010
Evento	Parada Gay de São Paulo	Parada Gay de Serra Talhada	Parada Gay de Salvador	Parada Gay de Belo Horizonte
Horário	12h40min	21h	7h15min	6h30min
Alcance	Regional - São Paulo	Nacional - Brasil	Nacional - Brasil	Regional - Minas Gerais
Entrevistas	3 entrevistados	7 entrevistados	5 entrevistados	5 entrevistados
1º entrevistado	Manuel Zanini	Anildomar de Souza	Sandro Lima	Aisla Pirve
Caracterização	Organizador do evento	Fundação Cabras de Lampião	Assistente de Marketing	Transformista
Vestimenta	Jeans e camisa cor preta	Camisa laranja e calça jeans	Fantasia de vaca	Vestido azul de festa
Posição em relação ao evento	Favorável	Contrário	Favorável	Favorável
2º entrevistado	Robytt Mom	Élton Oliveira	Ava Simões	Wandera Jones
Caracterização	Drag Queen	Evangélico e ex-gay	Miss Brasil Gay	Artista Plástica
Vestimenta	Macacão de onça e peruca	Camisa social branca e calça social preta	Vestido de Festa	Armadura dourada
Posição em relação ao evento	Favorável	Contrário	Favorável	Favorável
3º entrevistado	Clésio	Grupo de 4 mulheres	Carlos Mott	Evandro
Caracterização	Participante	Não identificadas	Grupo Gay da Bahia	Não identificado
Vestimenta	Camiseta	Camiseta feminas	Camiseta e Cocar colorido	Metade homem metade mulher
Posição em relação ao evento	Favorável	Não se posicionaram sobre o evento	Favorável	Favorável
4º entrevistado		Não identificada	Lyu Arisson	Mateus Westn
Caracterização		Mulher distribuindo camisinhas	Ator	Infectologista
Vestimenta		Camiseta azul	Short jeans e camiseta regata	Camista Branca
Posição em relação ao evento		Não explicitado	Favorável	Não explicitado
5º entrevistado		Sandra Ferraz	Luiz Miranda	Carlos Magno
Caracterização		Funcionária Pública	Ator	Organizador do evento
Vestimenta		Blusa femina de cor roxa	Camiseta masculina roxa	Camista Branca
Posição em relação ao evento		Contrária	Favorável	Favorável
6º entrevistado		Paulo Roberto		
Caracterização		Agricultor		
Vestimenta		Camiseta de cor branca		
Posição em relação ao evento		Contrário		
7º entrevistado		Não identificada		
Caracterização		Mulher observando o evento		
Vestimenta		Camiseta rosa		
Posição em relação ao evento		Contrária		

4.2 Ficha Técnica 2

	SP TV 1ª edição	Fantástico	Bom Dia Brasil	Bom Dia Minas
Data	04/07/2010	04/10/2009	13/09/2010	26/07/2010
Evento	Parada Gay de São Paulo	Parada Gay de Serra Talhada	Parada Gay de Salvador	Parada Gay de Belo Horizonte
Horário	12h40min	21h	7h15min	6h30min
Alcance	Regional - São Paulo	Nacional - Brasil	Nacional - Brasil	Regional - Minas Gerais
Imagens				
Imagem de Abertura do Evento	Imagem feita do alto da Avenida Paulista com participantes segurando a bandeira do arco íris.	Homens vestindo roupas rosas que lembram o uniforme de lampião e leques rosas	Homem vestido de mulher, usando roupa de couro preta, peruca branca maquiagem e boata de salto alto.	Imagem feita do alto da Estação de Belo Horizonte onde aconteceu o evento.
Imagem de Fechamento do Evento	Drag Queen mandando beijo para a câmera de vídeo.	Homem usando saia, colan maquiagens e asas, toda a roupa com as cores do arco íris.	Close de Drag Queen para a câmera.	Homem dançando vestindo colan roxo, meia calça preta, e botas de salto alto.
Tempo Total	6'22"	3'38"	1'34"	2'09"
Informações de Utilidade Pública	Em segundos	Em segundos	Em segundos	Em segundos
<i>Saúde</i>	14	14	0	19
<i>Segurança</i>	54	0	14	15
<i>Trânsito</i>	83	0	0	0
<i>Conscientização contra a homofobia</i>	10	0	21	22
% de tempo destinado a utilidade pública	42,15%	6,42%	37,23%	43,41%

5 Parada Gay: o que a Rede Globo mostra

A Parada Gay é o movimento no qual Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT), com objetivo de chamar a atenção para os direitos homossexuais e para a redução do preconceito, promovem várias atividades políticas com alcance social. Os temas da Parada Gay são sempre voltados para a conscientização de que o universo homossexual precisa ser respeitado por toda a sociedade.

O histórico da Parada do Orgulho GLBTT da cidade de São Paulo repercute uma crescente participação de militantes ou não, que culminou em aproximadamente um milhão de pessoas desfilando pela Avenida Paulista ao som de 21 carros distribuídos ao longo do percurso, de acordo com os organizadores no ano de 2003. (LESSA in LOPES, 2004, p.167).

O meio utilizado para chamar a atenção para as questões relacionadas à homossexualidade é a utilização de carros de som, em uma grande festa, de alcance popular.

5.1 A Parada Gay de São Paulo 2010: Cobertura SPTV Rede Globo

Em São Paulo, a Parada do Orgulho GLBTT de 2010 foi realizada no dia 06 junho, e teve como tema o slogan “Vote contra a homofobia, defenda a cidadania”. Durante o evento, foram reivindicados os direitos civis dos homossexuais.

A primeira reportagem sobre a caminhada foi ao ar dois dias antes. A primeira edição do jornal *SPTV* da Rede Globo apresentou no dia 04 de junho de 2010 uma reportagem de aproximadamente seis minutos sobre a 14ª Parada Gay de São Paulo.

Os apresentadores do jornal, Carlos Tramontina e Carla Vilhena, mostraram aos telespectadores da cidade de São Paulo uma reportagem sobre a Parada Gay que, há quatorze anos, acontece na Avenida Paulista.

A primeira edição do jornal *SPTV* da Rede Globo vai ao ar de segunda a sábado, ao meio dia e quarenta minutos, e é transmitido para toda a cidade de São Paulo e abrange notícias que ocorrem em todo o estado.

5.2 A Reportagem, apresentadores e repórter

Nesse capítulo, será analisada a reportagem do dia 04 de junho de 2010, veiculada no jornal *SPTV* da Rede Globo, antes da realização da Parada Gay. As aspas a seguir são referentes ao conteúdo analisado, são comentários dos apresentadores Carlos Tramontina e Carla Vilhena e da repórter Sabrina Simonato.

“Tem gente que espera o ano inteiro para o dia da Parada do Orgulho Gay. Tem gente que quer saber antes para ficar longe do barulho e da farra, gente que não quer participar. E tem gente que aproveita para faturar.” Com esse comentário a apresentadora Carla Vilhena iniciou a chamada para a reportagem da caminha gay de 2010. Logo em seguida, o apresentador Carlos Tramontina completa as palavras da apresentadora: “a festa é uma das maiores, reúne milhões de pessoas e movimenta bares, restaurantes, os hotéis, toda a indústria do turismo”.

Carla Vilhena volta a falar sobre a Parada Gay: “a tradicional caminhada dos homossexuais, começa na Avenida Paulista, e é animada por vários trios elétricos”. Foram utilizados 17 trios elétricos no total.

Neste momento, Carlos Tramontina chama ao vivo a Repórter Sabina Simonato, que está em frente ao Museu de Arte Moderna de São Paulo, na Avenida Paulista e pergunta: “Sabina, existe alguma mudança por aí”?

A Repórter afirma que as interdições na Avenida Paulista só ocorrerão no domingo, dia 06 de junho, data de realização do evento a partir das dez horas da manhã, com a chegada dos trios elétricos. Sabina Simonato informa que a festa terá início ao meio dia e terminará às sete e meia da noite, e que começará em frente ao Museu de Arte Moderna de São Paulo. A repórter continua: “a montagem da infraestrutura da festa e da manifestação da Parada Gay começa a ser preparada hoje”.

De volta ao estúdio, Carla Vilhena fala um pouco sobre o histórico da Parada Gay: “a primeira manifestação da Parada Gay em São Paulo, aconteceu em 1996, e desde sua primeira edição bate recorde de público em comparação a outras festas homossexuais do mundo, de Berlim na Alemanha, ou em Nova York, por exemplo”.

O apresentador Carlos Tramontina, continua a conversa e diz: “a organização pretende reunir três milhões e meio de pessoas, e claro a necessidade no esquema de segurança muito bem montado”. Do estúdio, ele volta a chamar a Repórter Sabina

Simonato, ao dizer que os moradores da região ficam preocupados com a segurança, e pergunta: “existe motivo para preocupação”? Ainda na Avenida Paulista, a repórter responde: “será montado um esquema de segurança na Avenida Paulista”. Neste momento, Sabrina Simonato chama o primeiro entrevistado. Já se passaram dois minutos e cinquenta e sete segundos de reportagem.

5.3O Primeiro Entrevistado

O primeiro entrevistado da reportagem é Manuel Zanini, organizador geral da Parada Gay de São Paulo. A repórter o apresenta e diz que ele está ali para falar sobre o esquema de segurança durante o evento.

Manuel Zanini veste camisa preta com o título do evento que diz: *vote contra a homofobia*. A repórter fica de frente para o entrevistado e pede para ele contar um pouco mais sobre o esquema de policiamento.

Zanini afirma: “teremos cerca de mil policias militares, cerca de seiscentos guardas municipais em todo o entorno da Avenida Paulista e da Rua da Consolação, durante o dia inteiro. Além de um sistema de monitoramento de câmeras para agilizar toda e qualquer intervenção que seja necessária”. Zanini ressalta ainda que terão quatro postos médicos e cerca de novecentos banheiros químicos espalhados em torno da Avenida Paulista.

Logo após a resposta, a jornalista pergunta qual a importância da manifestação. A resposta do organizador, dura dez segundos: “nós temos um movimento de trinta anos contra um preconceito que existe contra os LGBT”. Nessa hora, a repórter corta a resposta de Manuel Zanini e chama novamente o apresentador Carlos Tramontina nos estúdios do *SPTV*. A reportagem já dura quatro minutos.

5.4As Imagens

Durante a entrevista com o organizador do evento, imagens de outras edições da Parada Gay começam a ser vinculadas, no total, onze imagens diferentes.

A primeira foi uma visão geral da Avenida Paulista, feita por um helicóptero, onde é possível ver a bandeira colorida, símbolo dos homossexuais, e a multidão que participava do movimento.

A segunda imagem mostrou um homem vestido todo de rosa, maquiado, montado em uma lambreta rosa. A cena lembra um pouco a personagem *Penélope Charmosa* do desenho *A Corrida Maluca*.

Na terceira imagem, havia um homem forte, vestindo uma sunga com plumas vermelhas na cabeça. As próximas figuras mostradas na reportagem foram dois homens vestidos de mulher. O primeiro todo de amarelo, com chapéu, vestindo um conjunto amarelo, estilo roupa de secretária. O outro com roupas brancas, imitando uma enfermeira.

A quinta imagem mostra balões coloridos no céu e depois mais uma panorâmica da Avenida Paulista. Em seguida, mais homens travestidos, neste caso um anão vestido de *Mikey* e outro homem vestido de *Minie*.

As imagens continuam, agora com dois homens usando plumas em volta do pescoço, em seguida, mostra outro rapaz vestindo roupas coloridas com um acessório de rosas vermelhas na cabeça. Depois, a reportagem exhibe mais um homem fantasiado, agora de mulher maravilha.

Durante toda a entrevista com Zanini, as várias imagens eram transmitidas. Enquanto o organizador do evento falava, homens, vestidos com roupas de baile, estilo anos 50, apareciam com muitas plumas. A seguir, outra imagem, em que o foco é um homem moreno usando um vestido vermelho e uma rosa enorme na cabeça. Ao fundo dessa cena, observa-se uma mulher que sorri, achando a cena engraçada. A entrevista com a imagem do organizador dura vinte e um segundos. O restante da entrevista dura quarenta e um segundos, com apenas a veiculação das imagens citadas. São utilizadas onze imagens, todas elas com doze homens vestidos de mulheres.

5.5 O Segundo Entrevistado

De volta para os apresentadores do jornal, Carla Vilhena anunciou a entrevista feita com um artista que sempre frequentou a Parada Gay e que venderá fantasias na edição da parada de 2010. A jornalista fez a seguinte pergunta para a repórter Sabina Simonato: “é um artista, ou uma artista”?

A repórter respondeu que: “trata-se de um homem que é transformista e faz shows como *Drag Queen*⁴, vestido de mulher, que canta, dança, adora uma peruca, e que é uma ‘figura’ muito especial”.

O entrevistado escolhido pela equipe da primeira edição do telejornal SPTV para representar a Parada Gay de São Paulo é conhecido como a transformista Robytt Mom. A entrevista começou com a repórter narrando os sapatos que a *Drag Queen* usa. “Sapatos de salto alto, plataformas a perder de vista, cada sapato do transformista é único e personalizado”, afirmou a repórter. Neste momento, apareceram imagens de quatro sapatos altos coloridos, com muitas pedras.

A reportagem continuou, agora mostrando que para cada sapato, existe uma roupa, sempre com muito brilho e plumas. A repórter mostrou ainda a coleção de perucas de Robytt Mom, perucas loiras, morenas, ruiva e até azul.

Sabrina Simonato pediu para que o telespectador imaginasse, então, todos os elementos citados por ela sendo usados por uma pessoa. Logo após a brincadeira proposta pela repórter, apareceu na reportagem Robytt Mom vestida com um macacão e uma bota de salto, ambos de pele de onça. A *Drag Queen* se apresentou: “hoje, Robytt Mom pode ser chamada também como Robertona Perigosa, o brilho mais forte na noite, doze anos de trabalho, doze anos de dedicação, muito bom gosto, muita atitude em cena, Gogo – *Drag* para muitos, bonita e gostosa”. Seu nome verdadeiro é Roberto.

Nos dias que antecedem a Parada Gay, o artista, como foi chamado pela reportagem, transforma seu apartamento em um grande ateliê, e aluga suas roupas para aqueles que vão participar da parada. No ateliê de Robytt Mom, a repórter mostrou as roupas que estavam à disposição para o aluguel: “se você achou isso tudo o máximo e quer arrasar na festa, dá para se produzir também”. Logo após, a repórter mostrou uma capa de paête rosa, que junto com o sapato, custava duzentos reais o aluguel. Em seguida exibiu outra roupa com plumas de faisão que custava dois mil reais.

Segundo Robytt Mom, ali entram torneiros mecânicos e pedreiros, e saem grandes damas da noite. No momento da entrevista, entrou no ateliê, Clésio⁵, vindo do

⁴Segundo o Manual de Redação LGBT, *Drag Queen* é o “Homem que se veste de forma feminina de forma satírica, extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos” (p.16)

⁵ Na reportagem, Clésio não se identifica, não dá nome completo e nem profissão.

Rio Grande do Norte, em busca de uma fantasia para usar em sua primeira participação na Parada Gay de São Paulo. Clésio queria “parar para chocar e voltar mais vezes”, como ele mesmo afirmou. A repórter diz: “Clésio já se prepara para sair daqui produzida”.

5.6 Análise

A reportagem completa teve duração de seis minutos e vinte e dois segundos. Nesse tempo, foram utilizados diversos recursos jornalísticos como inserções e entrevistas ao vivo; entrevista gravada e informações de utilidade pública (trânsito e segurança).

Como já foi descrito neste capítulo, as imagens utilizadas, onze no total, foram basicamente de homens travestidos e afeminados, todos com o mesmo estereótipo. Embora presentes, e em maioria, os participantes do evento que não utilizam recursos de maquiagem ou vestimentas chamativas aparecem somente nas imagens com foco aberto, e em segundo plano. As principais imagens focam somente um universo homossexual constituído de homens vestidos de mulheres, vivendo sempre de forma “espetaculosa”.

Os assuntos abordados foram desde a indústria do turismo, Parada Gay como uma festa popular, interdições no trânsito, posto de assistência médica até aluguel de fantasias, com uma entrevista final gravada com a *Drag Queen* Robytt Mom. A preocupação dos moradores da região com a segurança, também, foi um dos pontos abordados. A reportagem tenta demonstrar que foram tomadas todas as providências para que não ocorram incidentes.

Em nenhum momento a chamada da reportagem explica ou mostra o significado do que é a Parada Gay ou fala sobre o real tema da 14ª Parada Gay de São Paulo. As ONGs, que esclarecem a sociedade sobre a realidade dos homossexuais, teriam utilizado a veiculação desse tipo de reportagem como forma de alcance social. O que não aconteceu com um telejornal de grande veiculação que não abordou o tema de forma adequada.

Como minorias nômicas, os militantes homossexuais têm chamado a sociedade a refletir sobre a realidade social e buscar a enfrentar os

problemas pertinentes, não só a causa homossexual, mas de outros grupos. Buscam construir uma rede social de enfrentamento das condições marginais, pondo em pauta as incogruências de uma sociedade marcada por uma cultura preconceituosa em relação às várias categorias sociais. Procura-se viabilizar as condições dos grupos sociais minoritários, que se encontram sem acessos a vários direito sociais(RIBEIRO in LOPES, 2004, p.97).

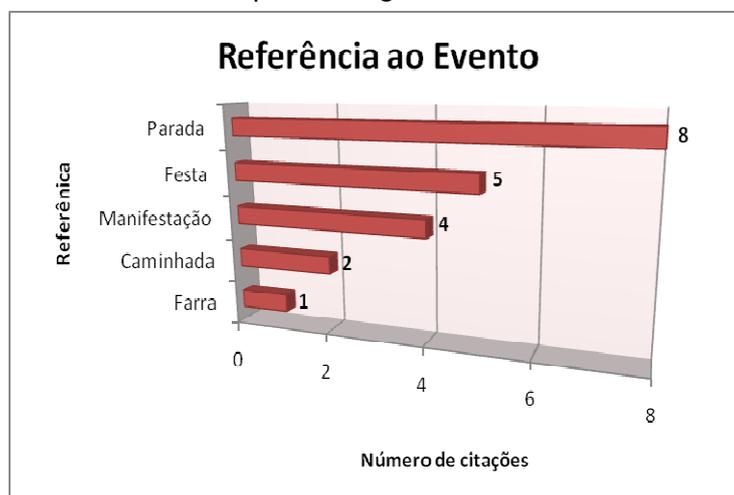
De todos os temas abordados, o que teve o menor tempo de veiculação foi o que tratava dos direitos reivindicados pelo o evento. A reportagem usou apenas dez segundos do momento da entrevista com o organizador para falar da defesa dos direitos dos homossexuais.

Quanto à linguagem utilizada na reportagem, durante os quase sete minutos de matéria, nenhum dos jornalistas utilizou expressões como “preconceito” ou “direitos”, que são palavras-chave do tema da Parada Gay de 2010. No entanto, para se referirem aos participantes, os apresentadores e a repórter do SPTV tiveram a preocupação de serem politicamente corretos ao usar determinadas expressões como festa dos “homossexuais” e “artista”, referindo-se ao *Drag Queen*.

Ainda relacionado aos termos utilizados na reportagem, percebeu-se que a palavra “festa” apareceu cinco vezes na fala das duas jornalistas, sendo o segundo substantivo mais utilizado para mencionar a Parada Gay (ver gráfico I), perdendo apenas para o termo “parada”, primeiro substantivo mais usado para citar o evento.

Ao utilizar esses termos, fica claro o enfoque dado pelos jornalistas ao evento: o de festa. Além disso, a reportagem se assemelha bastante às coberturas do carnaval, que trazem informações turísticas e econômicas do evento.

Gráfico I – Substantivos utilizados pela designar o evento



6 Os “cangagays” do sertão

6.1 Fantástico: a revista eletrônica da Rede Globo

O programa semanal *Fantástico*, transmitido todos os domingos às nove horas da noite, tem duração de duas horas e trinta minutos. A revista eletrônica aborda temas nacionais e internacionais, misturando jornalismo com entretenimento e é transmitida para todo o Brasil. A apresentação é feita pelos apresentadores Patrícia Poeta e Zeca Camargo, realizada sempre de forma muito despojada, uma conversa direta com o telespectador.

No dia 04 de outubro de 2009, o *Fantástico* realizou uma reportagem sobre a primeira Parada Gay que aconteceu na cidade de Serra Talhada, interior do nordeste pernambucano, cidade de Lampião, dentro do quadro *Me Leva Brasil*, com o apresentador Maurício Kubrusly, rodando o interior do país em busca de histórias curiosas.

Esse capítulo analisará a reportagem do dia 04 de outubro de 2009, veiculada pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo, no Quadro Me Leva Brasil, sobre a Parada Gay do Sertão. As aspas a seguir são comentários dos apresentadores Patrícia Poeta e Zeca Camargo e o repórter Maurício Kubrusly, dentro do conteúdo analisado.

6.2 Me Leva Brasil e a Parada Gay do Sertão: sertanejos usam rosa em terra de Lampião

A apresentadora Patrícia Poeta anuncia a reportagem: “festa e polêmica, no sertão pernambucano, a Parada Gay chega à cidade de Serra Talhada”. O apresentador Zeca Camargo, completa a frase da jornalista, “terra de Lampião⁶”. Era 04 de outubro de 2009, e o quadro *Me Leva Brasil* trazia a história da Parada Gay do Sertão.

A reportagem começa com trechos do filme *Cangaceiros*, distribuído pela Paris Filmes. As imagens trazem dezessete cangaceiros montados em cavalos, invadindo um

⁶ Lampião chamava-se Virgulino Ferreira da Silva, e por causa do assassinato do pai pela polícia, juntou cinquenta homens e jurou vingança. O bando de Lampião usava roupas e chapéu de couro, botas de cano longo e carregavam facas e espingardas.

pequeno povoado, derrubando três barracas de frutas, dando tiros e esfaqueando três guardas.

No momento em que as imagens são vinculadas, Maurício Kubrusly, começa a narração: “quando o povo de Lampião invadia o povoado, era mais ou menos assim, uma violência, um morticínio, não escapava ninguém, o terror, coisa de cangaceiro, cabra macho, sim senhor”.

Após as imagens violentas do filme *Cangaceiros* e a narração do apresentador do quadro *Me Leva Brasil* sobre a masculinidade dos cangaceiros, Kubrusly continua e dá outro de voz: “mas agora é Cangagay”.

Neste momento, aparece uma imagem de seis homens, vestidos com roupas que lembram as que Lampião e seu bando usavam. Mas ao invés do couro, tecido fino, a cor do chapéu, da roupa e da espingarda era rosa. Todos juntos, lado a lado reunidos em uma sala gritam: “apontar, preparar, fogo”. Ao invés de balas de verdade, os seis homens abrem leques de cor rosa e começam a se abanar. Era o grupo Cangagay: seis ativistas homossexuais de Serra Talhada.

O local da Parada Gay é a cidade de Serra Talhada, que fica há 415 quilômetros da capital pernambucana, Recife. O apresentador começa a descrever a cidade: “Lampião aqui é o orgulho da cidade, até na hora de brincar de faz de conta. No museu do cangaço onde se encontra algumas relíquias da saga de Lampião, ninguém quer saber da tal Cangagay”.

6.3 Opiniões Sobre o Evento

O repórter Maurício Kubrusly entrevista Anildomar de Souza, presidente da Fundação Cabras de Lampião, instituição fundada em 1995 e atua com finalidade sociocultural, sem fins lucrativos.

Anildomar questiona o apresentador: “se fosse na cidade de Exú⁷, iria se colocar Luiz Gonzaga também com uma roupa cor de rosa com bolinhas azuis”? O apresentador pergunta se ele participará da festa, e Anildomar responde imediatamente: “não, de forma alguma, eu sou cabra macho até a medula”. O apresentador sorri da resposta.

⁷ Cidade que nasceu o cantor nordestino Luiz Gonzaga.

Logo depois, a reportagem muda o cenário e o apresentador mostra uma casa onde os moradores são todos evangélicos. Uma roda de oração com sete pessoas é mostrada com três homens e quatro mulheres. Ainda em tom de piada Maurício Kubrusly afirma que: “naquela casa ninguém que saber da tal Cangagay, principalmente ele” (nessa hora o apresentador aponta para Éliton Oliveira, evangélico, ex-gay e morador de Serra Talhada).

O evangélico Éliton Oliveira conversa com Maurício Kubrusly e fala logo: “a palavra do senhor nos diz que o homossexualismo é pecado, mas também nos diz que Deus ama o homossexual”. São visíveis os gestos femininos presentes na voz e gesticulação de Éliton.

Ainda não satisfeito com a resposta do morador, o apresentador pergunta: “sua vida era diferente um tempo atrás”? Éliton responde: “fui homossexual assumido, o primeiro homossexual em 1999 a manter um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo abertamente. Eu também não acreditava que existisse ex-homossexual, mas hoje estou de posse desse milagre”.

A reportagem do quadro *Me Leva Brasil* coloca o espectador para pesquisar um pouco mais sobre o ex-homossexual e passa o endereço na internet (g1.com.br/fantástico). No momento em que fala a palavra “Fantástico”, Maurício Kubrusly faz uma cara de susto e pega no ombro de Éliton. A impressão que o repórter dá aos telespectadores é que nem ele acredita que possa existir uma pessoa ex-gay.

Em seguida, a reportagem vai para as ruas de Serra Talhada contar a história do ex-gay Éliton Oliveira. O repórter entrevista um grupo de quatro mulheres que gritam todas juntas, “ex-gay? Ex-gay não existe não, está doido”?

Nas ruas da cidade, Maurício Kubrusly mostra os preparativos para a Parada Gay de Serra Talhada, Nas imagens mulheres e homens carregavam balões coloridos para enfeitar as ruas. “Agora o trabalhão mesmo é preparação de cada um dos componentes, que é um brilho só”, afirma o apresentador. As imagens mostram dois homens se vestido de mulher e usando maquiagem bem forte, com muito brilho.

Ainda é dia quando o apresentador mostra a casa onde os gangagays, personagens principais, se preparam para a parada: “e aqui (o apresentador se referindo a casa) o time que provoca o maior escândalo em Serra Talhada. Eles

trocaram os cangaceiros pelos cangagays”. As imagens mostram o grupo se vestindo como Lampião, com muito rosa, batons e brilhos. Cada detalhe é importante.

À noite, a reportagem mostra as ruas de Serra Talhada tomada por homens vestidos de mulheres. A primeira imagem, por exemplo, é de dois homens, usando perucas e vestidos andando pelas ruas. “E eles, elas, devidamente montadas, arrumadíssimas, prontas para o carnagay na terra do cangaço”, diz o apresentador. Pelas ruas, todos querem tirar fotos com os Cangays.

Durante a Parada Gay do Sertão, a equipe do *Me Leva Brasil* também procurou moradores da cidade para saber a opinião deles sobre o evento em Serra Talhada. A primeira a falar foi a funcionária pública Sandra Ferraz, que logo falou: “para Serra Talhada, terra de Lampião, cabra macho, ter um cangagay, isso para mim está sendo um horror”. O agricultor Paulo Roberto, também foi entrevistado, e afirmou envergonhado ao repórter que: “sertanejo, valente, bravo, ignorante, tem que passar por um negócios desses”.

A reportagem termina com cangagays e leques rosas e um homem usando uma minissaia com as cores do arco-íris. Maurício Kubrusly finaliza o *Me Leva Brasil* dizendo: “os cangagays tomam conta da avenida, um trio elétrico na terra de Lampião, uma festa bem colorida que colocou a cidade nas ruas, e o sertão não virou mar, nem o mar virou sertão”.

6.4 Análise

Ao analisar as imagens descritas acima, percebe-se que a abordagem do evento na matéria contrapõe o “cabra macho”, cangaceiro, aos participantes da festa “cangagays”. As imagens utilizadas refletem bem este contraponto e o estereotipo do gay travestido é amplamente divulgado.

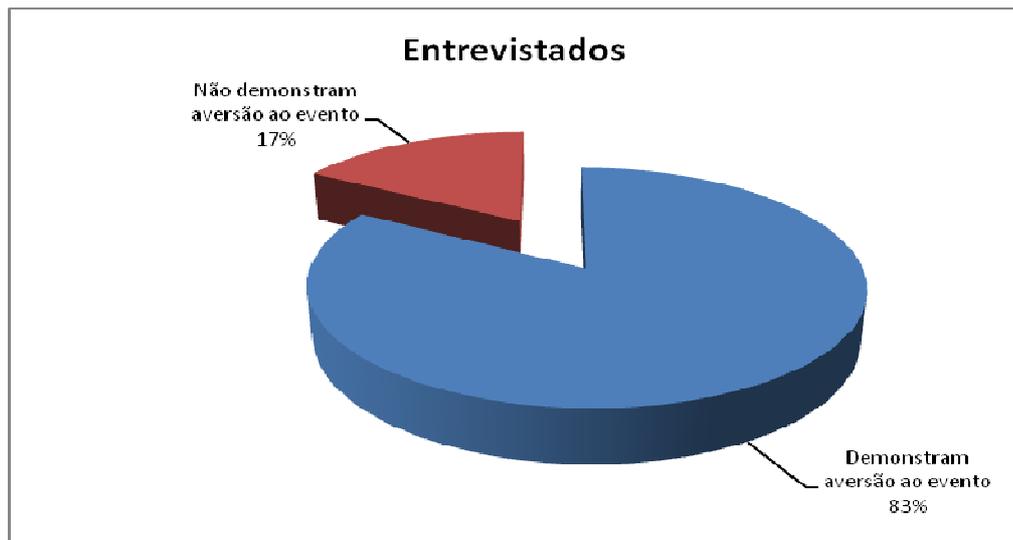
Nota-se também que o nome oficial do evento, Parada Gay de Serra Talhada, não é utilizado. O repórter opta pela denominação popular da festa “Cangagay”.

As imagens utilizadas são coloridas, de festa, com pessoas na rua participando, inclusive famílias. Na reportagem, Maurício Kubrusly usa falas entre as entrevistas, como: “os cangagays, quem diria, viraram o maior sucesso em Serra Talhada”.

Em toda a reportagem, foram realizadas sete entrevistas. Seis entrevistados

opinaram de forma negativa, direta ou indiretamente, sobre o evento. Somente uma entrevista não reprovava a Parada Gay do Sertão.

Gráfico 2 – Aversão dos entrevistados ao evento



O mais interessante na reportagem é que as falas dos entrevistados não condiziam com o que era mostrado nas imagens, nem com que o repórter afirmava. O entrevistado Éliton Oliveira, por exemplo, se autodenominava ex-gay, e demonstrava total aversão ao cancagay. Mas, um fato interessante que não é citado na entrevista, e que só foi possível obter após pesquisa, é que o município de Serra Talhada possui desde de 2008 uma lei contra homofobia, cujo texto foi sugerido pelo Éliton Oliveira.

O repórter ou não tinha conhecimento da informação, ou decidiu ignorá-la, sendo a última opção a mais provável, já que o texto contra a homofobia foi publicado no Diário de Pernambuco, ano anterior ao da reportagem, e possuía facilidade de acesso, inclusive na internet.

Na análise notou-se também que a matéria é claramente direcionada ao entretenimento. Todas as imagens estudadas utilizaram um recurso, vastamente difundido no jornalismo, de enfatizar aquilo que é mais peculiar e chamativo, para atrair o espectador. Contudo, o que diferencia a reportagem em questão, é o fato de não ter entrevistado nenhum participante, organizador ou morador que fosse favorável ao evento. Embora o tema da reportagem fosse especificamente os cancagays, seis

homens homossexuais, nenhum deles foi entrevistado.

Com base somente na matéria analisada, não é possível identificar como ocorrem as Paradas Gays tradicionais, se existe algum tema ligado a direitos homossexuais. Contudo, ao pesquisar o evento, e sua organização, é possível verificar que a parada é apoiada pela ONG Leões do Norte, de Recife, sendo uma das bandeiras defendidas no evento a do respeito aos homossexuais.

A utilização da figura de Lampião e seu bando, respeitada na região, por um dos blocos é vista como ofensa pelos entrevistados. Mas, o choque cultural entre os verdadeiros cangaceiros e os cangagays foi principal pano de fundo da reportagem.

7 Parada Gay de Salvador: o que mostrou o Bom Dia Brasil

7.1 O Telejornal

A apresentação do telejornal *Bom Dia Brasil*, da Rede Globo, vai ao ar de segunda a sexta-feira, às sete e quinze da manhã. Apresentado por Renato Machado e Renata Vasconcellos, o jornal é transmitido para todo o Brasil e aborda notícias que ocorreram no dia anterior tanto no Brasil como no Mundo.

Transmitido dos estúdios da Rede Globo no Rio de Janeiro, o telejornal abrange assuntos como política, economia, esporte, dia-a-dia do cidadão e previsão do tempo. Além dos apresentadores, o *Bom Dia Brasil* conta ainda com os comentaristas de política, Alexandre Garcia, de economia, Miriam Leitão, e de esporte com Alex Escobar.

No dia 13 de setembro de 2010, o *Bom Dia Brasil* levou ao ar, uma reportagem sobre a 9ª Parada Gay da Bahia. A seguir, análise das falas e comentário dos apresentadores, repórteres e entrevistados da matéria divulgada pelo o jornal matinal da Globo.

7.2 A Reportagem

A apresentadora Renata Vasconcellos começa a reportagem com o seguinte comentário: “o clima de carnaval que tomou conta do centro das ruas de Salvador”. Entra ao ar a reportagem, com a jornalista Raquel Porto Alegre narrando as imagens da festa: “no céu, no chão, foi uma tarde cheia de brilhos. E a turma caprichou no visual”, relata. Após esse comentário, a repórter inicia no meio da Parada Gay, cinco entrevistas.

7.3 As Entrevistas

O primeiro entrevistado é Sandro Lima, participante da Parada Gay. Sandro usa sombra rosa nos olhos, cílios artificiais e veste uma roupa colada ao corpo com estampas de pele de vaca: “o curral estava cheio, eu tive que fugir, eu tinha que chegar a algum lugar para mostrar a vaca que eu sou”, afirma o participante cheio de entusiasmo.

Ava Simões, eleita Miss Brasil Gay em 2009, foi a segunda entrevistada. Com 29 anos de idade, formado em odontologia, o nome verdadeiro de Ava é Charlie Simões. Durante a semana Charlie, não mais Ava, atende em um consultório no Rio de Janeiro. Apenas nos fins de semana e em eventos, como a parada Gay de Salvador, se transforma na Miss Gay Ava Simões.

Com a coroa e a faixa de Miss Brasil Gay, Ava usa um vestido branco de festa, um batom rosa e sombra escura nos olhos. “Vim direto do Rio de Janeiro. Estou amando essa Parada, estou achando lindo que Salvador luta contra a homofobia, e esse estado é lindo”, relata Ava.

Depois dessas duas entrevistas, a repórter Raquel Porto Alegre aparece entre os foliões e comenta que trata-se de “uma festa cheia de ritmos, cheia de cores em plena avenida no centro de Salvador. Esse com certeza, é o carnaval da diversidade”, afirma.

A repórter comenta que durante a festa os organizadores pediram o fim da homofobia. Integrante do Grupo Gay da Bahia (GGB) Carlos Mott aparece usando uma camisa preta cavada e um cocar de índio colorido. Ele relata que: “esse ano 2010, 14 homossexuais foram cruelmente assassinados, e ano passado foram 25. A Bahia é campeã nacional de crimes homofóbicos”.

Nota-se que, diferentemente das reportagens do SPTV e da reportagem do Fantástico, o *Bom Dia Brasil* entrevistou dois atores que se vestiam com camiseta e jeans, e não usavam nenhum tipo de maquiagem e fantasia, Luiz Miranda e Lyu Arisson, que apoiaram o tema da Parada Gay de Salvador.

Lyu Arisson, que fez papel de travesti da série *Ó Pai Ó* da Rede Globo, subiu em cima de um trio elétrico e pediu: “sem homofobia cara, que a galera só quer viver”, afirma o ator. O ator Luiz Miranda, também em cima de um trio elétrico fez a seguinte declaração: “eu acho importante, essa é uma festa de liberdade, e a gente tem que vir para dizer para as pessoas que a gente apóia a liberdade, temos que botar a cara e mostrar para as pessoas que somos a fim disso, de diversidade, de alegria”. Luiz Miranda atuou como o Moreno, do seriado “*Sob Nova Direção*” da Rede Globo. O ator participou do evento como simpatizante, incentivando-o.

7.4 As Imagens

A reportagem começa mostrando uma chuva de papéis coloridos caindo dos prédios que cercam a avenida principal de Salvador. Em seguida, aparece um homem usando uma roupa preta de couro colada ao corpo, uma peruca branca e botas de salto alto. A segunda imagem é de dois homens dançando em cima de um trio elétrico, um vestia uma calça folgada com um top feminino amarelo, o outro com uma saia roxa e asas que lembram as cores do arco-íris.

Em seguida, aparece a imagem de Sandro Lima, entrevistado no início da reportagem, fantasiado com uma roupa que lembra pele de vaca. Ao lado de Sandro, mais dois homens, um usando uma peruca vermelha com um top feminino preto e branco, e outro com uma peruca amarela e um chapéu que lembra pele de vaca.

Outra imagem veiculada pela reportagem é da Miss Brasil Gay Ava Simões, cercada por outras duas *Drag queens*. A reportagem segue, e o cinegrafista filma mais dois homens usando vestidos de festa, com perucas vermelhas e leques.

No momento em que a repórter Raquel Porto Alegre aparece nas imagens, e começa a falar sobre a Parada Gay de Salvador, aparecem dois homens dançando atrás da jornalista. Um vestido de blusa e saia feminina vermelha e outro com o mesmo modelo, mas de cor branca. Os homens dançam alegremente, felizes por estarem ali. A reportagem termina com a *Drag Queen* já citada, com seu leque vermelho, cobrindo parcialmente o rosto.

7.5 Análise

A reportagem do telejornal *Bom Dia Brasil*, no que se refere às imagens, manteve a linha seguida pelos SPTV e o programa Fantástico: muita cor, homens vestidos de mulheres, sempre usando muita maquiagem. As palavras “carnaval” e “festa” também aparecem para descrever a Parada Gay.

Das reportagens analisadas, somente a reportagem do *Bom Dia Brasil* entrevistou participante do evento não caracterizado como mulher. Tanto na análise do SPTV, quanto na análise da reportagem sobre os gangagays do sertão, não foram entrevistadas pessoas públicas, ditas “comuns”.

Com finalidade de obter a visão dos organizadores a respeito do evento, a pesquisa entrevistou Marcelo Cerqueira, presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB), uma das ONGs organizadoras da Parada Gay de Salvador. Segue entrevista na íntegra dada por Cerqueira:

1 - Qual sua percepção sobre as imagens que a Rede Globo veicula sobre as paradas gays? São adequadas? Representam de forma coerente a ideia que se tenta transmitir com a Parada Gay?

MC – A Parada é uma sacerdotisa Bacante, assim, existe espaço para tudo, para o exótico para todas as demonstrações, a nudez de uma travesti é um protesto porque o corpo dela não é feminino, é um masculino feminizado com muita dedicação. Então, para atender o desejo do grande público, eles mostram o mais exótico, o mais sensual e muitas vezes nem mostram as falas dos militantes. Mas isso também é real, as imagens são reais, são pessoas e merecem serem consideradas porque elas procuraram fazer o melhor de si para o dia.

2 - No dia 13 de setembro foi ao ar, no Bom Dia Brasil, a matéria sobre a parada gay realizada em Salvador. A apresentadora anuncia a matéria como "clima de carnaval", logo em seguida, a repórter que estava na parada gay usa o termo "carnaval da diversidade". Para o Grupo Gay da Bahia, o que é o evento da parada gay? A festa é um grande carnaval?

MC – Essa é uma discussão longa. As lutas das minorias são para de algum modo seduzir as maiorias. Assim, a Parada é um carnaval sim. Não é porque vale a carne, como diz a expressão em si. Mas é um carnaval com a sua lógica invertida. Também associa-se a esse carnaval a presença dos trios elétricos, sem eles não teríamos esse evento. A Parada é o movimento que depois das eleições diretas coloca o maior número de pessoas nas ruas com um motivo que é o combate a homofobia. Todos que estão ali, independente de orientação, sabem disso e se dispõem a ajudar nesse enfrentamento.

3 - Foram analisadas imagens das paradas de São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador e uma reportagem especial do Fantástico. Em todas elas as imagens escolhidas pelos jornalistas e as fontes entrevistadas são sempre

pessoas muito fantasiadas, maioria homens. Essas imagens não criam uma imagem caricata dos homossexuais?

MC – Sim, pode criar, sem dúvida. Mas isso é real. Não vejo problema. Na televisão existe algo chamado imagem, eles sempre terão interesse pela imagem que mais seja adequada a saciar a fome do expectador. Eles preferem o sonho, e é um sonho ver uma *drag* muito bem vestida, arrumada. As crianças tiram fotos e pensam que elas são imagens dos contos de fadas que ela vêem na televisão. “Mãe, mãe...uma boneca, uma boneca”, elas dizem isso para suas mães. Eu não vejo problema, mostra a diversidade da população. Não vejo problema nem com nudez contextual de gogo boys, gogo moças. Só acho excesso cenas de sexo explícito, mas não vejo problema em simulação. Existem heterossexuais caricatas, ultra macho, ultra fêmea. Também podem existir homossexuais assim também.

4- Os temas das paradas como a de Salvador, só é frisada no final da reportagem, após a vinculação de todas as imagens. Acha que o recado é passado de forma clara para quem assiste?

MC – De algum modo eles sempre falam os temas da Parada, o nosso tema foi Homofobia Fora Daqui. Muitas vezes algumas pessoas não têm traquejo e querem fazer esse tipo de evento. O dia da Parada é dia da festa da bacante, não existe muito espaço para muita coisa, porque a multidão é incontrolável. É uma grande loucura as pessoas saem de sua personalidade e se transforma em outra coisa, igual o carnaval que se veste a fantasia. Acho que mostrar a multidão na foto do jornal ou na câmara da TV é fascinante, muda muita coisa na cabeça das pessoas.

5 - Em sua opinião, a abordagem jornalística que é utilizada atualmente ajuda a reduzir preconceitos?

MC – Sim, lógico. Antes não era tão assim, mas hoje as redações estão cheias de homossexuais ou de simpatizantes. Hoje já temos um texto jornalístico mais engajado e correto com as terminologias corretas, palavras corretas. Talvez, muitas entidades não têm traquejo e nem assessoria de imprensa ai que é o problema, porque a gente é quem deve pautar a matéria e não eles. Aqui a gente conduz o que desejamos passar ao público.

8 Parada Gay de Belo Horizonte: Bom Dia Minas – uma linguagem diferente

8.1 O Telejornal

O telejornal *Bom Dia Minas* é o primeiro telejornal da programação da Rede Globo Minas e vai ao ar de segunda a sexta às seis e meia da manhã. Apresentado por Elisangela Colodeti, o telejornal tem duração de quarenta e cinco minutos e leva as primeiras notícias que ocorrem na capital mineira. No dia 26 de julho de 2010, o Bom Dia Minas realizou reportagem sobre a 13ª Parada Gay de Belo Horizonte.

Nesse último capítulo, a pesquisa analisará a reportagem da emissora mineira sobre a Parada Gay de Belo Horizonte. As aspas a seguir são referentes ao conteúdo analisado, comentários da apresentadora do jornal, repórter e entrevistados da matéria.

8.2 Protesto Colorido

A apresentadora Elisangela Colodeti iniciou a reportagem dizendo que: “um protesto colorido ocupou as ruas de Belo Horizonte neste domingo. Milhares de pessoas entre gays, lésbicas, bissexuais e transtêneros, seguiram trios elétricos numa caminhada contra o preconceito e a favor da livre orientação sexual”. Com essa chamada, o *Bom Dia Minas* inicia a reportagem sobre a Parada Gay de Belo Horizonte.

A primeira imagem da Caminhada Gay foi na Praça da Estação de Belo Horizonte. Com uma panorâmica feita pelo alto, foi possível identificar a quantidade de participantes, estimadas cem mil pessoas.

A imagem seguinte traz um grupo de dança em cima do palco montado na Praça da Estação. Neste momento, o telejornal mostra a Parada Gay como um clima de música, dança e muito bom humor.

8.3 Entrevistados e Imagens

O primeiro entrevistado da Parada Gay é a transformista Aisla Pirve. Usando uma longa peruca preta, um vestido azul e muita maquiagem, Aisla diz que: “hoje é o nosso dia, dia de comemorar, de festejar, de comemorar e de correr atrás dos nossos

direitos. Estar sempre de muito bom humor, bom astral, por que Parada Gay é isso, cores e brilho”, explica.

Wandera Jones, transformista e artista plástica, também foi entrevistada. A transformista participou da caminhada simulando estar montada em cima de um dragão branco. Usando uma fantasia que lembrava uma armadura medieval dourada, com muita maquiagem e cheia de brilho, com purpurina dourada em volta dos olhos, a transformista justifica sua fantasia: “pelo fato de ter muito tempo que eu não saio, resolvi fazer uma coisa bem bacana para diferenciar e arrasar na Parada Gay”, afirma Wandera.

Outro participante que o *Bom Dia Minas* mostrou foi Evandro⁸, vestido de metade homem e metade mulher. Na cabeça, usava metade chapéu branco e na outra metade uma peruca. Maquiado apenas no lado em que usava a peruca, Evandro afirmou na reportagem que: “todo homem tem seu lado feminino e masculino, né?”

A repórter Fabiana Almeida, que cobriu a 13ª Parada Gay de Belo Horizonte, mostra na reportagem que a multidão seguiu quatro trios elétricos durante a caminhada. “Muita gente parou para ver, tirou foto, foi levada uma imensa bandeira com as cores do arco-íris, símbolo do orgulho gay”, afirmou a repórter. No momento em que faz essa narrativa, duas imagens são mostradas, uma mulher dançando e tirando fotos de cima de um prédio, e um casal de homens se abraçando, que não estavam fantasiados.

A reportagem mostrou que, durante a manifestação, o combate a AIDS foi lembrado. O infectologista Mateus Westin participou da Parada e afirmou que: “todo cidadão, homens e mulheres acima dos treze anos, tem o direito de buscar o centro de saúde. A sua cota mensal de preservativo não precisa de consulta médica, não precisa de receita, é a forma mais segura não só de evitar a AIDS, mas todas as outras doenças transmissíveis”.

Em cima de um trio elétrico, a repórter relata que, segundo o Centro de Luta Pela Livre Orientação Sexual de Belo Horizonte (CELLOS), no ano de 2009, cento e noventa e sete homossexuais foram assassinados no estado mineiro: “neste ano já são oito, o dia de hoje também é uma homenagem a essas vítimas” comenta Fabiana.

⁸ O nome completo e a profissão do entrevistado Evandro não são identificados na matéria.

A repórter entrevista Carlos Magno, organizador da Parada Gay de Belo Horizonte e presidente da CELLOS, que diz que a ideia do evento é: “construir uma sociedade com respeito às diferenças e uma sociedade para todos”.

O *Bom Dia Minas* termina a reportagem com a imagem de dois homens fantasiados, o primeiro usando asas, chifres, um vestido roxo e um bastão, lembrando uma figura mitológica, e o segundo vestindo um colan também roxo, com meia calça preta e botas de salto alto.

8.4 Análise

Comparando-se o telejornal *Bom Dia Minas* com as reportagens analisadas anteriormente, é possível concluir que a linguagem utilizada foi completamente diferente.

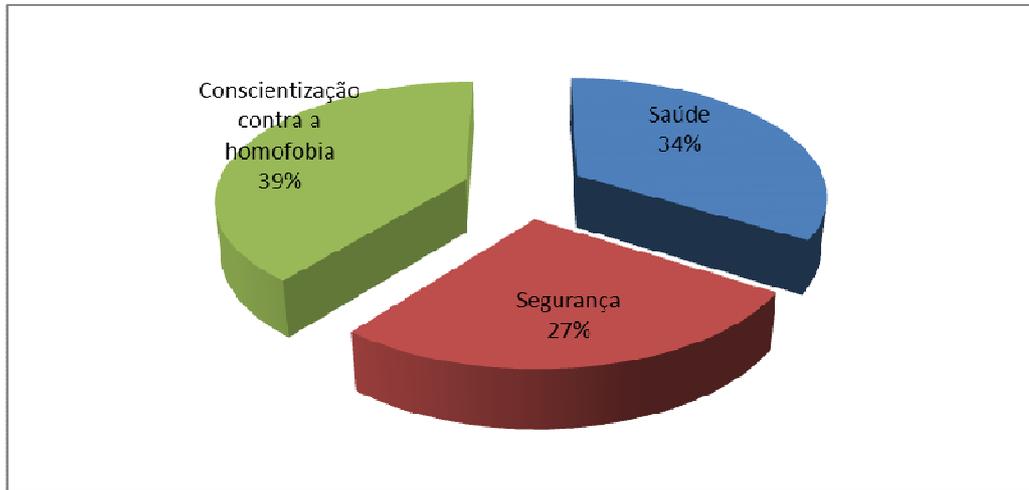
O telejornal definiu a Parada Gay de Belo Horizonte com os termos, “caminhada contra o preconceito e a livre orientação sexual”, “manifestação”, “homenagens às vítimas de preconceito” e “paz”. As palavras “festas”, “evento” e “farra” não foram usadas em nenhum momento na reportagem, ao contrário das outras matérias.

Apesar de usar imagens semelhantes às dos outros telejornais analisados, o *Bom Dia Minas* teve como diferencial da reportagem informações de utilidade pública, como o combate a AIDS, uso de preservativos e ainda alertou sobre a violência com estatísticas de homicídios de homossexuais no estado.

Ao analisar todas as reportagens deste estudo, notou-se que somente as imagens veiculadas pelo *Bom Dia Minas* mostraram demonstração de carinho entre pessoas do mesmo sexo. A reportagem da emissora mineira mostra uma imagem de dois homens se abraçando. O motivo da Parada Gay de respeito a livre escolha sexual, e tolerância, foi mostrado desde o início da reportagem.

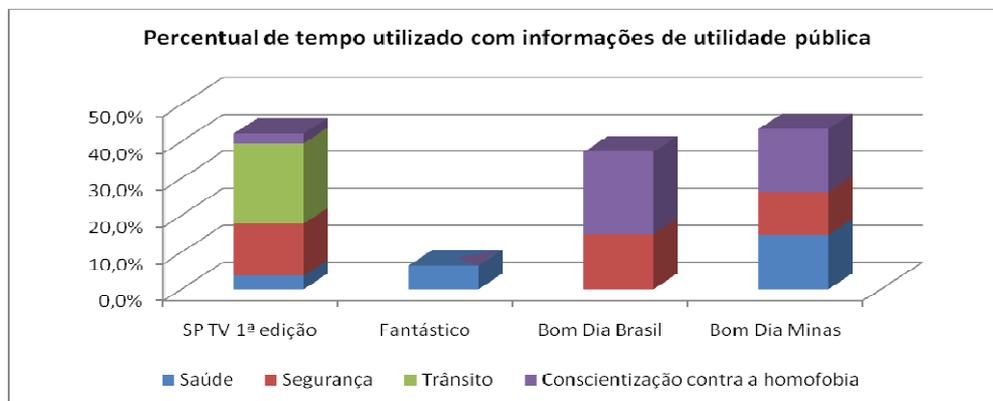
Do tempo utilizado na reportagem 43,4% foi destinado ao repasse de informações de utilidade pública, onde foram tratados temas relacionados a segurança, conscientização e saúde. Sendo que, o foco dado a segurança referia-se aos homicídios de homossexuais e não a segurança do evento em si. Foi a reportagem que melhor dividiu o tempo destinado as informações de utilidade pública.

Gráfico 3 – Divisão de tempo destinado a temas da Parada Gay



O gráfico abaixo demonstra percentualmente, considerando o tempo total da reportagem, qual foi o espaço destinado a informações de utilidade pública.

Gráfico 4 - Espaço destinado a informação sobre utilidade pública



Em se tratando do evento da Parada Gay que surgiu com o objetivo de combater à homofobia, o tempo destinado a conscientização contra a homofobia que a princípio teria uma relevância maior, dentre as demais informações, não foi destacada em duas das quatro reportagens, sendo que em uma a questão nem sequer foi citada.

9 Conclusão

A análise das reportagens sobre o evento da Parada Gay leva a conclusão de que o desafio do repórter é a busca do equilíbrio entre mostrar o chamativo, o que atrai o público, e prestar um serviço à sociedade de informação e esclarecimento.

Das reportagens analisadas merece destaque a realizada pelo *Bom Dia Minas* que conseguiu desenvolver uma reportagem interessante em termos de imagens do evento.

A reportagem também inseriu diversas informações de utilidade pública relevantes, como o combate à *AIDS* e o, acesso aos preservativos. Além desta questão, a reportagem também chamou a atenção para a violência, citando o número de homossexuais assassinados no estado mineiro. Sendo que das reportagens analisadas foi, em termos de tempo, a menor reportagem, totalizando dois minutos e nove segundos.

Não obstante, a reportagem do *Bom Dia Minas* foi veiculada às seis e meia da manhã, horário de baixa audiência, e dentre as pesquisadas é a que possui menor alcance em termos populacionais.

A reportagem que possui maior alcance veiculada nacionalmente, e em horário nobre, foi a produzida pelo *Fantástico*, que tinha como único objetivo o entretenimento. Todos os entrevistados eram contrários ao evento, e a única informação de utilidade pública reproduzida foi uma imagem de distribuição de camisinhas seguida de uma breve fala.

Ressalte-se que o evento da Parada Gay não deixa de ser uma festa, um “carnaval”, e assim o é para atrair a atenção do público. Contudo, o objetivo é o enfrentamento a homofobia. Conclui-se que o repórter tem em mãos, através das reportagens que desenvolve, o poder de prestar um serviço social de informação e esclarecimento à sociedade. Mas, usa desse mesmo poder para transformar um evento que luta contra a homofobia como a Parada Gay em um grande espetáculo, ao focar a festa e não a razão social pela qual ela está sendo promovida.

Referências

Livros

ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnalismo – A notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BARBEIRO, Heródoto e DE LIMA, Paulo Roberto. *Manual de Telejornalismo – Os segredos da Notícia na TV*. São Paulo: Campus, 2002.

BARDIN, Laurance. *Análise de Conteúdo*. Portugal: Edições 70, 2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Linguagem dos Conflitos*. Coimbra Portugal: Coleção Comunicação, 2001.

CURADO, Olga. *A Notícia na TV – O dia dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.

DE REZENDE, Guilherme Jorge. *Telejornalismo no Brasil – Um perfil editorial*. São Paulo: Sammus, 2000.

KOTLINSKI, Kelly (Org.). *Legislação e Jurisprudência LGBTTTT*. Brasília: Letras Livres, 2007.

LOPES, Denilson (Org.). *Imagem & Diversidade Sexual Estudos da Homocultura*. São Paulo: Nojosa edições, 2004.

MARTINS, Ferdinando (Org.). *Manual de Comunicação LGBT*. Brasília: ABGLT, 2010.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

RODRIGUES, Humberto. *O Amor Entre Iguais*. São Paulo: Mythos, 2004.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VIZEU PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. *Decidindo o que é notícia – Os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

Endereço Eletrônico

Site do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde:
<http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-aids>.